

O problema pastoral da aplicação da *Humanae Vitae* na América Latina¹

Gonzalo Miranda²

Tradução: Ivanaldo Santos
(Filósofo, E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br)

Introdução

Afirma-se com frequência que a América Latina é o “continente da esperança” para a Igreja. Calcula-se que no ano 2000³ metade dos católicos do mundo serão latino-americanos. E não é apenas uma questão de quantidade: na América Latina existe um catolicismo novo, fervente e profundamente enraizado na cultura local. Sem medo, devemos recordar que a verdadeira esperança vem sempre acompanhada de um santo temor, o temor de não se conseguir alcançar o bem esperado devido às dificuldades encontradas. Disso resulta que é importantíssimo analisar essas dificuldades, pois o santo temor conduz a vigilância e se traduz em uma esperança mais responsável e ativa⁴.

1. As campanhas antidemográficas na América Latina

A encíclica de Paulo VI se abre com a constatação do fenômeno do rápido crescimento demográfico e, por conseguinte, do temor suscitado em muitas famílias, povos em desenvolvimento e, devido a isto, as grandes tentações que se apresentam as autoridades que “diante desse perigo tomar medidas radicais” (n. 2). O problema demográfico tem sido sentido de forma notável na América Latina. E após vinte e cinco anos constata-se que as autoridades caíram na tentação de implementar medidas radicais sem escutar, em muitos casos, o chamado que fez o papa ao final do documento: “não permitas que se degrade a moralidade de vossos povos; não aceiteis que se introduzam legalmente ... práticas contrárias a lei natural e divina” (n. 23). Parece que o Papa é a voz que grita no deserto.

Segundo uma publicação estatística recente, a *Population Reference Bureau*⁵, com sede em Washington, a taxa de fecundidade total⁶ na América Latina em 1960 era de seis filhos por mulher. Em muitos países, a política demográfica da primeira metade do

¹ Este artigo foi publicado originalmente em: MIRANDA, Gonzalo. El problema pastoral de la aplicación de la *Humanae vitae* en América Latina. IN: *Ecclesia*, México, vol VIII, n 2, abril/junio 1994, p. 151-164.

² Sacerdote espanhol, licenciado em filosofia e teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Membro fundador da revista *Medicina e Ética* e do seu respectivo comitê científico, assim como da revista *Medicina e moral*. Atualmente é coordenador do centro de bioética da Universidade do Sagrado Coração, em Roma, e professor de teologia moral especial do ateneu Regina Apostolorum.

³ O artigo de Gonzalo Miranda foi escrito diante das expectativas da virada do século XX. Apesar da marca do ano 2000 já ter sido superada as questões e problemas levantados neste artigo continuam sendo atuais na América Latina (Nota do Tradutor, NT).

⁴ Me proponho aqui analisar alguns dos problemas que se encontram hoje na Igreja em relação a aplicação da *Humanae Vitae* no continente latino-americano (Nota do Autor, NA).

⁵ International Programs del POPULATION REFERENCE BUREAU, INC, Gráficas. Fecundidad y planificación familiar en América Latina: retos para la década de 1990, Washington, 1992 (NA).

⁶ “Taxa de fecundidade total” é o número médio de filhos que uma mulher poderá ter durante sua vida, se mantidas constantes as taxas de fecundidade específicas para a sua idade (NA).

século XX buscava favorecer o aumento da população⁷ e muitos códigos sanitários proibiam a propaganda e a venda de anticoncepcionais.

A partir da década de 1950, e sobretudo em 1960 e 1970, a atividade e as políticas demográficas mudam radicalmente. É acionado o alarme demográfico, é posto a disposição da população novos e eficazes métodos anticoncepcionais que produzem enormes garantias econômicas e, por conseguinte, a anti-concepção se transformou em uma importante arma política, econômica e ideológica.

É famoso o chamado *Memorandum 200*, o estudo apresentado ao presidente dos Estados Unidos em 1975 pelo Conselho Nacional de Segurança desse país, que, naquele momento, era dirigido por Henry Kissinger⁸. Além da advertência contida no título *Implications of Worldwide population Growth of U.S. Security and Overseas Interests*, o memorando adverte dos perigos do crescimento demográfico dos países em vias de desenvolvimento para os interesses dos Estados Unidos e propõe alguns elementos para uma estratégia demográfica:

a) Maior atenção aos países em vias de desenvolvimento “onde existirem especiais interesses políticos e estratégicos para os Estados Unidos” (na América Latina especialmente no México, Brasil e Colômbia).

b) Integração de fatores e programas demográficos no planejamento do desenvolvimento mundial (o documento ainda explica a tática de persuasão que deve ser utilizada para convencer os dirigentes dos países envolvidos a implementarem programas de planejamento demográficos).

c) Aumento da assistência a serviços, informação e tecnologia de planejamento familiar (entre outras coisas recomenda-se dá maior atenção aos meios de comunicação social e outros meios de “motivação e educação demográfica”).

Para o cumprimento dessas estratégias o documento pede um aumento dos recursos financeiros da Agência para o Desenvolvimento Internacional (*Agency International Development*, AID): um aumento entre 35 e 50 milhões de dólares apenas para o exercício fiscal de 1980. Um mês depois o presidente Ford dos EUA aprovou o *Memorando de Segurança Nacional 314*, que sinaliza as “linhas operativas” para enviar ao secretário de Estado, aos secretários do tesouro, saúde, agricultura, ao chefe do estado maior e as três formas armadas (marinha, exército e aeronáutica), ao diretor da CIA (Agência Nacional de Informação), ao conselho econômico do presidente, ao conselho econômico ambiental e ao administrador da Agência para o Desenvolvimento Internacional. Dessa forma, o gigante americano se colocava em movimento com toda a sua potência econômica, política e tecnológica.

Se a este fato somarmos a ação do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e diversas agências que operam no campo das políticas demográficas – começando por *International Planned Parenthood Federation*⁹ (financiada de forma bastante generosa pelas instituições acima citadas) – e os diversos governos nacionais e municipais de muitos países, poderemos ter uma idéia da força da campanha internacional contra o crescimento demográfico.

⁷ Conferir (Cfr.) os aumentos gerais da população do México entre 1936 a 1947 (NA).

⁸ Cfr. dossier em *Proyección Mundial*, 15 de abril de 1993, pp. 54-73 (NA).

⁹ Para uma apresentação completa e atualizada do IPPF, conferir R. MARSHALL – C.A. DONOVAN., *Blessed are the Barren. The Social Policy of Planned Parenthood*. São Francisco, Ignatius Press, 1991, pp. 347 (NA).

Também poderemos compreender os frutos concretos dessa campanha na América Latina.

A mesma fonte estatística antes citada indica que a taxa de fecundidade total na América Latina tem diminuído nos últimos trinta anos em média 40% (de 6 filhos por mulher para uma média de 3,5 atualmente). No referido texto é explicado que “a fecundidade tem diminuído, em parte, por causa da extraordinária troca de atividade em relação ao planejamento familiar” e, um pouco mais adiante, salienta que esta diminuição está estritamente associada ao fato das mulheres utilizarem algum tipo de método de planejamento familiar.

Em 1989 o *Boletim Médico* do IPPF apresenta uma classificação dos níveis de “transição” dos países latino-americanos. Nesta classificação há uma taxa de fecundidade limitada em quatro grupos, sendo eles:

- a) Transição completa (três filhos por mulher): Argentina, Chile, Cuba e Uruguai.
- b) Transição avançada (quatro filhos por mulher): Brasil, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, México, Panamá e Venezuela.
- c) Transição intermediária (quatro filhos por mulher): Equador, El Salvador e Peru.
- d) Transição retardada (cinco a seis filhos por mulher): Bolívia, Guatemala, Haiti, Honduras e Nicarágua¹⁰.

Todavia, essa “transição” continua seu caminho. Atualmente, alguns autores falam de uma taxa inferior ao “nível de reposição” da população (2,2 filhos por mulher) em países como Argentina e Uruguai. Recentemente o Cardeal López Trujillo¹¹ relatou que a taxa de fecundidade em seu país, ou seja, na Colômbia, é de apenas 1,7 filhos por mulher. Neste ritmo a América Latina será conduzida aos mesmos níveis de envelhecimento que padecem os países desenvolvidos. Como confirma outro documento, o *Population Reference Bureau*, “nos países mais desenvolvidos a população de 65 anos de idade ou mais é três vezes maior que a dos países em vias de desenvolvimento, e no ano de 2005¹² poderá ter a proporção de um para cada cinco habitantes”¹³. É justamente para essa meta que as potenciais do mundo estão empurrando os países da América Latina.

O problema é muito mais grave do que as estatísticas sobre a população permitem vislumbrar. O controle racional do índice de natalidade pode ser justificado e até auto-explicado em algumas regiões. Entretanto, o que não possui justificativa é a degradação moral e humana que as campanhas anti-natalidade promovem.

Nestas campanhas se promovem e se oferecem a população todo tipo de método anticoncepcional: desde a pílula do aborto, passando por Dispositivos Intra-Uterinos (DIU) e a esterilização (em alguns lugares estes dispositivos são colocados sem o consentimento da mulher depois da realização de um parto ou de uma simples operação de apendicite). Aproveita-se a ignorância da população rural para difundir estes métodos sem, no entanto, explicar o significado abortivo de muitos deles e, pior ainda,

¹⁰ J. GUZMÁN. *América Latina: fecundidad en transición*, en *Boletim Médico* de IPPF, 23/5 (1989), pp. 1-3 (NA).

¹¹ Discurso inaugural da XII Conferência Mundial da *Human Life International*, Houston, 14 de abril de 1993, citado em *Escoge la vida!* 45 (1993), (NA).

¹² O ano de 2005 já foi superado, entretanto na América Latina ainda não existem as taxas de envelhecimento e de despoamento encontradas, principalmente, nos países da Europa. Entretanto, países latino-americanos como, por exemplo, Cuba e Argentina já se aproximam perigosamente dessas taxas (NT).

¹³ POPULATION REFERENCE BUREAU, INC., *Datos y estimaciones demográficas de países y regiones del mundo*, Washington, 1988 (NA).

assegurando a população local que não existe nenhum problema moral ou religioso em seu uso. Salvo raras exceções, afirma-se sempre a validade científica desses métodos e os métodos naturais são ignorados completamente. E pior ainda, afirma-se que os métodos naturais são inúteis, ineficazes e até mesmo que são nocivos para a saúde psicológica da mulher.

É preciso afirmar que estas campanhas não se tratam simplesmente de oferecer métodos anticoncepcionais. Seus partidários sabem que, se querem que estes métodos sejam praticados, é necessário difundir e também penetrar profundamente na consciência daqueles que são contrários a anticoncepção. É precisamente o que fazem as campanhas de propaganda de massa que repetem insistentemente jargões do tipo: “a família pequena vive melhor”, que é necessário viver a “paternidade responsável” evitando problemas ou acidentes indesejados, que “somente o filho planejado é um filho amado”, etc. Há vários anos a propaganda procura defender a prática da anticoncepção apesar dos efeitos secundários negativos. Atualmente, procura-se mostrar as enormes vantagens para a saúde das mulheres, tanto da anticoncepção em si, como também de alguns anticoncepcionais em específico, e ainda usa-se o argumento que eles salvam a vida de milhares de crianças. Nesse processo, afirma-se que os anticoncepcionais orais realizam “uma grande proteção contra alguns tipos de câncer” e o uso dos profiláticos ajudam a prevenção contra as doenças venéreas e contra a AIDS, etc¹⁴. Enfim, quem não pratica a anticoncepção é um irresponsável.

Todavia, as campanhas de “educação” para a “paternidade responsável” e os materiais propostos em massa para a chamada “educação sexual” dos jovens estão carregados de uma ideologia radicalmente oposta ao sentido de família, de responsabilidade moral e de significado humano da sexualidade. Basta dá uma olhada nos múltiplos livros e folhetos, filmes e demais produções do setor de filmagens difundidas com o selo do IPPF, e suas respectivas sucursais nacionais, para entender que se trata de uma obra de deformação das consciências e dos costumes. A mensagem difundida através de diversas histórias e ingênuas brincadeiras é suficientemente simples: o sexo é prazeroso, antes e fora do matrimônio, entretanto é preciso haver sexo responsável, isto é, protegido dos inconvenientes de uma possível gravidez. E ao final da história sempre aparece, não podia faltar, o preservativo, naturalmente.

Também as ações de alguns governos, impulsionados pelas pressões econômicas internacionais, e pela ideologia reinante do sexo livre, econômico e seguro, vão na mesma direção.

É interessante constatar que os países que mais experimentaram a “educação sexual” estão mudando de direção. Um pequeno exemplo é que em 1987 o Departamento de Educação dos Estados Unidos deu início ao programa “A vida e a educação de nossos filhos”, com um guia para pais de famílias e professores, no qual se pede aos educadores que ajudem aos jovens a formarem critérios morais claros, a partir de uma consciência que busca a virtude. O documento recomenda que se deve falar aos jovens da instituição familiar e ajudá-los a resistir às pressões sociais¹⁵. Outro exemplo é que depois de cinquenta anos de experimentos “livres de prejuízos”, ou seja, da política da liberdade sexual, na Suécia, a Oficina Nacional de Educação¹⁶ desta nação publicou, em 1988, um texto guia para a educação sexual nas escolas, onde, entre outras

¹⁴ Conferir, por exemplo, POPULATION REFERNCE BUEAU, INC., *Seguridad de los anticonceptivos: panorama general, y Seguridad de los anticonceptivos: rumosres y realidades*, Washington, 1988 (NA).

¹⁵ US DEPARTMENT OF EDUCATION, *AIDS and the education of children*, 1987.

¹⁶ A Oficina Nacional de Educação possui atribuições institucionais semelhantes ao Departamento de Educação dos Estados Unidos e do Ministério da Educação no Brasil (NT).

coisas, se lê: “Se unicamente se explicam os aspectos biológicos e médicos, as crianças recebem uma imagem parcial e deformada do que é o sexo”.

É justamente a imagem parcial e deformada, citada no referido documento, que atualmente muitas crianças recebem na América Latina. Possivelmente também aqui (na América Latina), depois de cinquenta anos de experiências destrutivas, se verá que é necessário dar marcha ré, caminhando sobre ruínas. Desgracadamente parece que o ser humano não aprende com as experiências negativas e tem a necessidade de bater com a própria cabeça no muro.

Depois de tantos anos de bombardeio sistemático (às vezes com “bombas inteligentes”, outras com ações de “destruição arrasa solo”), não é surpreendente que na mentalidade de boa parte da população latino-americana tem havido uma assimilação da mensagem da anticoncepção. Não é estranho que o *Boletim Médico* da IPPF, citado anteriormente, possa afirmar com satisfação que “os dados estatísticos revelam uma crescente tendência ao ideal de uma família pequena em todos os níveis da sociedade”, ao mesmo tempo em que adverte que “os dados recentes mostram que as ações anticonceptivas parecem estar, cada vez menos, relacionadas com fatores como a religião”¹⁷.

“Não permitas que se degrade a moralidade de vossos povos”¹⁸: a voz do Papa que clama no deserto.

2. Presença e ação da Igreja

A última frase citada pelo *Boletim Médico* da IPPF sobre a escassa influência do fator religioso sobre as atitudes anticoncepcionais põe em cena a presença e a ação da Igreja nas últimas décadas na América Latina. Os últimos parágrafos da *Humanae Vitae* estão dedicados a exortar aos sacerdotes e aos bispos. Paulo VI pede aos primeiros “expor sem ambigüidades a doutrina da Igreja sobre o matrimônio”, sempre acompanhado “com a paciência e a bondade” (nn. 28-29), e aos bispos pede para trabalharem “com ardor e sem descanso para salvaguardar a santidade do matrimônio” e considerar “está missão como uma de vossas responsabilidades mais urgentes no tempo atual” (n. 30).

Escutaram os pastores da América Latina a Paulo VI? Há algum tempo recebi uma carta de um grupo de leigos católicos comprometidos em difundir e ensinar os métodos naturais em quatro países latino-americanos. Copio textualmente suas palavras, as quais podem servir de estímulo: “Em geral, a Igreja Católica não tem ensinado a verdade sobre a doutrina da própria Igreja. Desde os bispos até os sacerdotes, o clero é tímido e vacilante. Em primeiro lugar, porque não querem ajudar aos fiéis, em segundo lugar, porque são leitores de teólogos dissidentes, e, em terceiro lugar, porque estão sob pressão dos próprios governos (nacionais) com seus respectivos programas de planejamento familiar”.

Vamos fazer uma análise da situação. Antes de mais nada, é um dever reconhecer que há muitos bispos e sacerdotes que procuram esclarecer aos seus fiéis todos os perigos e a falta de um projeto moral nas campanhas de anticoncepção. Esse esclarecimento é realizado à custa de muitos sacrifícios. Entretanto, teme-se que muitas das críticas realizadas por leigos pessoalmente comprometidos com a defesa da vida e da família – críticas que, entre outras coisas, afirmam que há um escasso interesse e participação, pouca preparação e compromisso do clero com a defesa da vida e da família – não são totalmente infundadas.

¹⁷ *Boletim Médico do IPPF*, p. 2 (NA).

¹⁸ PAULO VI, *Humanae Vitae*, n. 23 (NA).

Parece-me que podemos identificar ao menos cinco fenômenos ocorridos no clero latino-americano (e talvez até em todo o povo latino) em relação com a aplicação da *Humanae Vitae*: retrocesso, distração, incerteza, falta de preparação e o processo de relegar.

Retrocesso. Conhecemos muito bem as expectativas suscitadas entre os fiéis católicos na década de 1970 sobre a possibilidade de uma flexibilização por parte do Magistério sobre a questão do controle da natalidade. Estas expectativas se difundiram também na América Latina (para falar a verdade, grande parte dessas expectativas foram criadas de modo artificial e estratégico). Por isso, encontramos um clero perplexo, que em sua ação pastoral pessoal se sente tentado a operar uma “suspensão de juízo”. No entanto, desde os primeiros anos dessa década, com a invenção da pílula Pinkus, a revolução anticonceptiva pouco a pouco se instalara na sociedade e chegava as portas das comunidades católicas. Muitas portas dessas comunidades se abriram para a prática anticonceptiva. Pensava-se que não havia problemas morais, justamente porque ninguém apresentava estes problemas.

Em 25 de julho de 1968¹⁹ a pílula era “de casa” em muitos lugares e em muitas consciências. Como dizer agora a tantas pessoas que usavam-na de boa fé que estavam equivocadas, que essa pílula – com uma aparência tão banal, como se fosse uma aspirina – foi “proibida” pelo Papa? A enorme campanha dos meios de comunicação social contra a *Humanae Vitae* criou uma atmosfera tão contrária à encíclica que se tornou realmente difícil a explicação se suas mais profundas razões e a aceitação de suas exigências. Muitos sacerdotes preferiram se calar e deixar os fiéis mergulhados em sua “ignorância não culpável”. Parece que a encíclica tinha chegado tarde.

Distração. Apenas um mês depois da publicação da *Humanae Vitae*, começava em Medellín (Colômbia) a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A proximidade das datas é significativa – a promulgação da encíclica e o início do encontro em Medellín –, entretanto não é um sentido puramente simbólico. Sabemos muito bem que a América Latina se encontrava, naquele momento histórico, em uma grave situação de pobreza, injustiça e miséria. O clamor desesperado dos pobres, dos indígenas, dos marginalizados de todo o continente ecoava com força no coração dos pastores reunidos em Medellín. É compreensível que os pastores tenham se dedicado, durante boa parte do tempo, a refletir sobre estes graves problemas.

O documento final da conferência de Medellín continha algumas páginas de grande clareza e firmeza doutrinal sobre o tema da família e da regulação da fecundidade²⁰. Entretanto, basta analisar o documento em seu conjunto para dar-se conta que a preocupação dominante era o desenvolvimento, a justiça e a paz. Isto pode ser percebido pelo amplo espaço dedicado a outros temas (o dobro para a Comissão N. 1: Justiça e Paz, que para a Comissão N. 2: Família e Democracia) ou porque aparecem, freqüentemente, ao longo do texto, seja quando se fala de política, seja quando se fala da família, dos sacerdotes e religiosos, etc.

Estamos diante de uma decisão pastoral legítima e possivelmente obrigatória. Como bem sabemos, o problema é que apesar de toda a atenção a pastoral familiar, os esforços teológicos e pastorais mais representativos no continente estão voltados para temas de caráter sócio-político-econômico. Um exemplo disso é que é difícil encontrar entre os inúmeros escritos da teologia da libertação algum indício dos graves problemas enfrentados pela *Humanae Vitae*. Parece que com relação a problemas como o aborto, a esterilização forçada, a difusão da mentalidade contraceptiva, etc, não há

¹⁹ Foi neste dia que a encíclica *Humanae Vitae* foi publicada pelo Papa Paulo VI (NT).

²⁰ Conferir, CELAM, *Documento final de la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano*, Comisión n. 2.

lugar na teologia e não há necessidade de libertação. Não faltaram cartas pastorais e exortações de diversas conferências episcopais e de alguns bispos pessoalmente. Possivelmente essas cartas e exortações não receberam a atenção necessária. Muitas das maiores forças católicas padeciam, em relação à aplicação da *Humanae Vitae*, da “síndrome da distração”.

Incerteza. O clima de contestação da *Humanae Vitae* suscitado dentro da teologia católica também teve sérias repercussões no clero da América Latina. Ademais, a atitude dissidente e oposta ao Magistério, presente em algumas correntes da teologia da libertação, alimentada entre sacerdotes, religiosos e leigos, criou uma corrente de desconfiança com relação a Roma, entre outras coisas, em relação à doutrina sobre a regulação da natalidade e a fertilidade. Dessa forma, se explica a atitude vacilante, insegura e também ambígua de tantos sacerdotes que demonstram não estar de acordo com esta doutrina ou de não estar convencidos de suas razões de fundo e de suas conseqüências morais e pastorais.

Falta de preparação. Em grande medida, muitos atribuem a causa dos fenômenos aludidos – sem esquecer outros fatores – a escassa preparação recebida pelos sacerdotes no setor específico da família e da regulação da natalidade. Por exemplo, são poucos os sacerdotes que conhecem os efeitos nocivos, incluindo o aborto, dos métodos anticoncepcionais atualmente em uso. São poucos os que sabem algo dos métodos naturais e muitos pensam apenas no método Ogino-Knaus, quando afirmam entristecidos que “desgracadamente os métodos naturais não funcionam”. Seria interessante saber em quantos seminários da América Latina se introduziu aos futuros sacerdotes, de forma adequada, estes temas.

Processo de relegar. Refiro-me aos aspectos da palavra “relegar”: deixar ao lado, esquecer. É fácil entender como um clero vacilante e pouco preparado em relação a temas referentes à sexualidade e a família pode ter sido relegado por grupos e programas de controle da natalidade, citados anteriormente, na hora de discutir os objetivos e metas desses programas. Cada vez mais a voz do sacerdote, e da Igreja mesma, causa pouco ou nenhum impacto quando estes temas são tratados nos meios de comunicação de massa, nos ambientes culturais e até mesmo dentro das comunidades católicas.

Compreende-se que este mesmo clero se auto-relegue, mais ou menos de forma consciente, a esta posição secundária. Os meios de comunicação social e os agentes da contracepção bombardeiam constantemente e eficazmente os fiéis católicos. Ao contrário, é raro que estes mesmos fiéis escutem uma homilia ou uma conferência que lhes explique completamente o pensamento da Igreja sobre estes problemas. Um sacerdote que se dedica, em tempo integral, a difusão dos métodos naturais na América Latina, o Pe. Denis L. St. Marie, explicava uma vez o protesto dos médicos em relação aos sacerdotes. Segundo este padre, questionados por um grupo de sacerdotes por que não ensinarem a população o modo como funcionam os métodos naturais e seus respectivos efeitos, um grupo de médicos mexicanos respondeu, ao questionamento, que, por sua vez, estes mesmos padres não ensinavam aos médicos os aspectos morais desses métodos²¹.

É possível afirmar que nem sempre e em todas as regiões as coisas são dessa forma. Também é possível afirmar que as coisas estão mudando. É necessário considerar que volta-se a ser tratado o tema da família, principalmente após a Conferências Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla e em Santo Domingo.

²¹ Cfr. D. ST. MARIE, *Experiências na América Latina sobre la planificación familiar*, en: AA.VV., *La dignidad del hombre e la creatividad del amor*. Actas del Congreso para la Familia de las Américas, New Haven, Conn, 1980, pp. 59-64, (NA).

Em toda a assembléia de Santo Domingo se sobressaiu com força o papel da família²², denunciando com clareza “o imperialismo anticonceptivo” no continente latino-americano²³. Igualmente, é importante a recente declaração final dos presidentes das comissões episcopais da América Latina para a família, convocados por Roma pelo Pontifício Conselho para a Família para tratar do tema: “Família, vida e nova evangelização” (sobre o qual falaremos ao final desse artigo)²⁴, “A vida é sagrada” e a recente e firme carta que o CELAM dirigiu a Dra. Nafis Sadik²⁵, secretária geral da Conferência Internacional das Nações Unidas, sobre a pobreza e o desenvolvimento, expondo suas preocupações e seu desacordo diante dos propósitos assinalados como sendo os objetivos principais da referida Conferência.

3. Circunstâncias determinantes posteriores

Para uma visão completa do tema que nos ocupa, seria importante analisar outras inúmeras circunstâncias próprias da situação latino-americana que influenciam, positiva ou negativamente, a aplicação da *Humanae Vitae* nessa zona do mundo. Pensemos, por exemplo, nas condições de pobreza, justamente a causa de tantas famílias, de um lado, não poderem ter mais filhos e, por outro lado, tantas vezes profunda e generosamente desejados. Pensemos na situação de ignorância cultural e religiosa, que dificulta a difusão da mensagem profunda da Igreja sobre o verdadeiro sentido da sexualidade e do amor conjugal e, por sua vez, desfaz qualquer tipo de fácil e superficial manipulação ideológica. Pensemos também nas diversas situações de série e difundida “irregularidade” matrimonial em algumas regiões do continente. Entre essas irregularidades podem-se citar: matrimônios apenas consensuais e não reais, maridos que tem, como dizem no México, várias “filiais”, a grande porcentagem de filhos não naturais (filhos de amantes ou situações semelhantes) em países como a Venezuela ... É difícil saber onde cabe a mensagem da *Humanae Vitae* nestas condições. Pensemos, logo, no fenômeno da secularização que ameaça de forma crescente a América Latina e da preocupante difusão das seitas e das “novas religiões” (se calcula que a cada dia entre cinco e seis mil católicos abandonem a Igreja).

Ao contrário, como fator positivo podemos pensar na profunda religiosidade popular existente na parcela da população que vê com respeito à figura do Papa e dos pastores e está disponível para a escuta e recepção do Magistério da Igreja. É preciso também reconhecer a ação generosa e eficaz desenvolvida nestes últimos anos, com perspectivas promissoras para o futuro, de numerosos grupos e organizações católicas guiadas e orientadas (freqüentemente orientadas ou assistidas por religiosos e sacerdotes). Movimentos de oração e apostolado leigos, associações e fundações variadas, grupos de ação *pro vida*, instituições dedicadas a difundirem e ensinarem os métodos naturais, etc.

²² Cfr. CALEM, III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, *La evangelización en el presente e en el futuro de América Latina*, n. 568-616; CELAM, IV Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, *Nueva Evangelización, promoción humana, cultura cristiana*, nn. 210-227 (NA).

²³ Idem nn. 219-220 (NA).

²⁴ Cfr. *L'Osservatore Romano*, edición española, n. 13, 26 de marzo de 1993, p. 11 (NA).

²⁵ Cfr. *L'Osservatore Romano*, ed española, 29 de abril de 1994 (NA).

4. Mirando o futuro

É preciso desenvolver-se neste ponto uma consideração articulada das diversas medidas que poderão ser adotadas para favorecer a aplicação da *Humanae Vitae*. Os documentos episcopais, citados anteriormente, delineiam algumas destas medidas.

Deve-se levar em conta as propostas apresentadas pela citada declaração dos presidentes das comissões episcopais. Citam-se algumas das mais concretas propostas: integrar em uma pastoral familiar orgânica a ação dos diversos movimentos católicos, formar os leigos, formar os seminaristas neste campo de atuação, acompanhar de modo especial as esposas nos primeiros anos da vida matrimonial, apresentar adequadamente o verdadeiro sentido do recurso aos meios naturais, denunciar o uso de métodos chamados anticonceptivos, pelo fato de que na realidade são métodos abortivos, anunciar com ardor a doutrina da Igreja sobre o direito a vida e o momento da concepção, dialogar seriamente com políticos e legisladores, etc. É preciso compreender que, muitas vezes, o que falta não são idéias e orientações. O que realmente falta é por de forma verdadeira em prática estas idéias e orientações.

Conclusão

Provavelmente, alguns considerarão demasiado negativo e pessimista as análises contidas neste estudo. Como foi afirmado no início, detêm-se sobre as considerações dos “problemas” que temos que enfrentar. É um planejamento adaptado em nome da verdadeira concepção da esperança. Uma esperança vigilante. Isto se dá precisamente devido ao amor pelo bem desejado e pelo meio de se alcançá-lo. É uma esperança ativa, que busca conhecer as dificuldades e os obstáculos para tentar superá-los eficazmente.

Parece que este é o verdadeiro sentido do otimismo. O verdadeiro otimista não é aquele que não vê as dificuldades, mas aquele que vendo-as, vê também a possibilidade de atuar para superá-las. Daremos apenas um pequeno exemplo ilustrativo dessa questão: certa vez, uma empresa inglesa que vendia sapatos enviou dois especialistas em análise de mercado para realizarem um estudo em uma zona da África. Ao chegar lá, um deles entrou em contato com o escritório da empresa dizendo: “Aqui não há nada para se fazer, todos andam descalços”, no entanto, o outro especialista também entrou em contato com o escritório, mas ao contrário do seu antecessor, declarou entusiasmado: “Ótima oportunidade para fazer negócios, aqui todos andam descalços”. O segundo especialista é um exemplo do otimista.

O mistério do Deus encarnado, morto e ressuscitado por cada ser humano, o Cristo vivo que nos acompanha até o fim do mundo, é capaz de infundir o otimismo cristão. E é justamente esse otimismo cristão, realista e generoso, que é hoje necessário para trabalhar com perseverança para promover, na América Latina e no mundo inteiro, a aplicação da encíclica *Humanae Vitae* em toda sua riqueza fecunda.

Tradução:

Ivanaldo Santos. Doutor em estudo da linguagem pela UFRN, professor do departamento de filosofia e do mestrado em Letras da UERN. Endereço: Rua Rio das Pedras, 157. Conjunto Trairi. Emaus. Parnamirim-RN. CEP: 59.148-673. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.